

# Editorial

Nesta edição há artigos de natureza teórica, de investigação empírica e de revisão de literatura. Passeamos por várias regiões do Brasil, pois os autores vêm de variadas cidades. Podem perceber, com a leitura dos textos ora publicados, que prezamos por apresentar a diversidade que caracteriza o campo da Psicologia.

Antes de tudo, temos o texto de Helio Roberto Deliberador prestando a justa homenagem ao prof. Dr. Nestor Efraim Rojas Bocallandro, recentemente falecido, que emprestou por tantos anos, com garra e determinação, sua sabedoria e seus esforços para a área da Psicologia e para nossa universidade.

Para iniciar os artigos, colocamos em pauta uma questão que tem preocupado todos aqueles que se ocupam do atendimento a crianças na clínica contemporânea, que é a alta frequência de queixas parentais traduzidas em termos de diagnósticos médicos que correspondem muitas vezes às inquietações de pais que almejam respostas profissionais que os possam tranquilizar com relação aos sintomas observados. Uma das questões neste cenário é o diagnóstico de TDAH. Iniciamos com dois artigos que versam sobre este tema.

O primeiro deles é *Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos*, artigo teórico em que Cristine Lacet e Miriam Debieux Rosa, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a partir de um olhar psicanalítico, revelam o quanto este diagnóstico se situa entre os dispositivos de dessubjetivação, ou seja, o quanto o discurso médico-científico concorre para a anulação do desejo dos sujeitos e este apagamento do sujeito, por sua vez, tem efeitos iatrogênicos. Lembrando que o mundo atual é um mundo em que o nome-do-pai é obscurecido, as

autoras postulam que o pai foi substituído pelo discurso científico o que remete o sujeito a uma sujeição ao desejo anônimo.

Por outro lado, o segundo artigo intitulado *Representação de TDAH em meninos diagnosticados com o transtorno*, de Virginia Effgem e Claudia Broetto Rossetti, da Universidade Federal do Espírito Santo, questiona o quanto o diagnóstico corresponde às necessidades dos adultos, tanto pais como profissionais. Há o relato de pesquisa realizada com vinte meninos, com idades entre nove e onze anos, diagnosticados com TDAH e buscou identificar qual a representação que tais meninos tinham do transtorno. Os resultados mostraram que noventa e cinco por cento dos meninos tomava medicação, mas não compreendiam o motivo pelo qual realizam o acompanhamento com profissional de saúde. Concluem pela necessidade de dar voz às crianças que recebem este diagnóstico.

Também no campo da saúde, temos *Na fronteira da psicanálise: a dimensão intersubjetiva do cuidado ao bebê no contexto de internações prolongadas e condições crônicas de saúde*, de Natalia Vodopives Pfeil e Creuza da Silva Azevedo, da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Trata-se de pesquisa realizada em hospital público materno-infantil com quinze profissionais de saúde, por meio de entrevistas e observações, focalizando o cuidado dos profissionais a pacientes pediátricos de UTI semi-intensiva, em casos de internações prolongadas e adoecimento crônico. Os resultados apontam as contradições vividas pelos profissionais devido à complexidade afetiva da situação que envolve sofrimento e vulnerabilidade, notadamente os excessos de zelo e investimento afetivo e as crises de sentido em relação ao trabalho. As autoras apontam que há possibilidade de elaboração das contradições com a criação de espaços de narração.

Igualmente focando no ponto de vista dos que prestam cuidado a pessoas em situação de fragilidade física, vamos para a outra ponta no ciclo desenvolvimental com o artigo intitulado *Cuidadores de idosos institucionalizados: vivências de prazer e sofrimento*, de Pamela Fabíola de Andrade e Carmem Regina Giongo, da Universidade Feevale, Rio Grande do Sul. Trata-se de pesquisa com caráter exploratório-descritivo, com cuidadoras de idosos em lares geriátricos. Os resultados são apresentados em categorias: organização do trabalho; vivências de prazer no trabalho; vivências de

sofrimento no trabalho e estratégias defensivas. Destacam-se os aspectos ligados: à rotina árdua de trabalho que envolve lidar com questões da dor e da morte, a falta de capacitação para o desempenho desta função, pouco reconhecimento do valor deste trabalho. As autoras consideram importante que existam espaços de reflexão dos processos vivenciados neste tipo de trabalho.

Ainda tendo como sujeitos de estudo os profissionais que lidam com o sofrimento – agora os próprios psicólogos – temos o artigo *Os saberes e fazeres dos psicólogos no campo das violações dos direitos humanos na infância*, de Sônia Regina Corrêa Lages, Verônica de Paiva Perroni Silva e Natália Caroline de Freitas Soares, do Departamento de Psicologia, Universidade federal de Minas Gerais. A pesquisa de revisão de literatura visou mapear as práticas e intervenções dos profissionais psicólogos (as) no campo da violação dos direitos humanos na infância, independente de suas orientações teóricas ou locais de atuação. Na medida em que tais práticas colocam o psicólogo em equipes interdisciplinares, há a necessidade de que adquiram habilidades específicas deste campo de atuação em sua formação e possam ter um compromisso social. As autoras destacam a demanda de pesquisa e de extensão universitária na efetivação das políticas públicas voltadas para a infância e juventude no Brasil.

O artigo seguinte vem de área bem diversa, pois resulta de revisão crítica de literatura na interface da psicologia com a psicobiologia. Intitula-se *Relações entre o hormônio cortisol e comportamentos de adolescentes: Uma revisão sistemática*, de autoria de Andressa Melina Becker da Silva, Sônia Regina Fiorim Enumo e Mariana Luiza Becker da Silva, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Foram destacados cinco temas relacionando o cortisol aos seguintes aspectos: comportamentos externalizantes, desenvolvimento na adolescência, problemas emocionais e comportamentais; comportamentos de risco à saúde e comportamentos relacionados os impactos da violência. Os autores salientam a necessidade de estudos nacionais sobre a temática.

Em seguida, o adolescente é estudado sobre outra perspectiva no artigo *Qualidade de vida e resiliência em estudantes do ensino médio: um estudo epidemiológico na cidade de São Paulo*, de Miria Benincasa,

Manuel Morgado Rezende, Maria Geralda Heleno Viana e Eda Marconi Custódio, da Universidade Metodista de São Paulo. Os pesquisadores empreenderam a avaliação de 2434 estudantes com relação à resiliência que foi operacionalizada em termos de apresentarem resultados acima da média no índice geral de qualidade de vida, assim como em seus recursos em vários domínios, e no teste Raciocínio Verbal, ao lado de consumo de todas as drogas abaixo da média geral da amostra. Os resultados apontam que a amostra de resilientes se diferencia da amostra geral em alguns aspectos: uso de droga, religião, acesso à atividade de lazer, autoestima e relacionamento com a família, especificamente com a mãe. Ressaltaram a influência da comunidade à qual o adolescente faz parte no incentivo ao comportamento resiliente e indicam a necessidade de implantação de Programas de Promoção de Saúde.

Para finalizar temos dois artigos teóricos que discutem conceitos da Psicanálise. O primeiro deles *Algumas notas sobre a dimensão positiva da histeria feminina* resulta de doutorado em psicologia clínica de Thalita Lacerda Nobre, docente nas Universidade Católica de Santos e Universidade Paulista. Teve como objeto de estudo a construção da história pulsional e identificatória de Gabrielle Chanel (1883-1971). A autora defende a tese que em alguns casos de histeria, há a tendência de que a força de *Eros* entreteçada à fixação libidinal fálica promova a sublimação. Conclui que a analisada, apesar de seu destino de menina órfã e pobre, conseguiu o triunfo do amor sobre o ódio e sobre o tédio, transformando seu destino, o que aponta para a possibilidade de investimento libidinal em transformações voltadas a si, mas que também são estendidas ao meio e trazem recompensas.

O outro artigo em psicanálise *A escrita do sintoma segundo a lógica não toda fálica*, de Nelly Brito e Heloisa Caldas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) traz temática bastante atual. Tem como principal fundamento as considerações de Lacan acerca do escritor irlandês James Joyce. As autoras comentam que o trabalho em serviços da rede pública de saúde mental trouxe questões acerca da direção do tratamento de sujeitos que apresentam uma amarração subjetiva pouco organizada no que tange ao sexual. Percebem que há um “esforço singular com vistas a dar algum sentido àquilo que se passa no corpo, o que se entende como tributário à

operação de sexuação” e que se trata do não todo como via para a escrita do sinthoma ou, pelo menos, para tentativas de fazê-lo.

Afinal, podemos ler a resenha escrita por Adriana B. Pereira do interessante livro da professora Juliana Camilo, na área da psicologia do esporte, especificamente sobre *MixedMartialArts (MMA)*.

À leitura então,

***Rosa Maria Tosta***

*Editora chefe*

## psicologia revista

*Editora chefe*

**Rosa Maria Tosta**

*Vice editora*

**Ivelise Fortim de Campos**

*Conselho Executivo*

**Fátima Regina Pires de Assis**

**Gabriela Gramkow**

**Ivelise Fortim de Campos**

**Marcia Almeida Batista**

**Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro**

**Plínio de Almeida Maciel Jr**

**Rosa Maria Tosta**

*Conselho Editorial*

**Antonio Virgílio Bittencourt Bastos**

Universidade Federal da Bahia

**Bernardete Angelina Gatti**

Departamento de Pesquisas Educacionais Fundação Carlos Chagas

**Carlos Roberto Drawin**

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais

**Claudia Lemos**

Instituto de Estudos de Linguagem – Unicamp

**Iray Carone**

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP

**Liana Fortunato Costa**

Universidade de Brasília

**Luiz Roberto Monzani**

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp

**Maria Clotilde Rossetti Ferreira**

Departamento de Psicologia e Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

**Mathilde Neder**

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – PUC-SP

**Pedrinho Árcides Guareschi**

Instituto de Psicologia – PUC-RS

**Peter Kevin Spink**

Fundação Getúlio Vargas

**Ubiratan D'Ambrosio**

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

**Yolanda Cintrão Forghieri**

Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade

Instituto de Psicologia – USP